

O negro na história de Sumaré

AUTOR DO TEXTO



Francisco Antonio de Toledo

Historiador e Diretor da Pró-Memória

O povo brasileiro é formado por três raças principais: brancos, indígenas e negros. Nenhuma dessas raças é melhor do que a outra. Uma é diferente da outra, mas todas são importantes. Elas deixaram marcas em nossa vida, em nosso corpo, em nossa alma, em nossa cultura. Por causa da mistura de raças, nenhum de nós pode dizer que não recebeu influência delas: no jeito de falar, na culinária, na música, na literatura, na religião, no cinema, nas artes em geral...

Logo depois do descobrimento do Brasil, os portugueses começaram a trazer para o Brasil milhares de africanos para trabalharem aqui como escravos. Eles trabalhavam na lavoura, na mineração, na criação de gado, nos engenhos, na casa dos fazendeiros... Todos os serviços braçais eram feitos pelos escravos negros. Não tinham direito a nada. Só deviam trabalhar, sem ganhar absoluta-



Moisés Allon

mente nada. Quando desobedeciam, eram castigados, torturados, açoitados, presos e às vezes mortos. Não tinham família, nem podiam praticar sua religião.

Mas, os escravos não eram passivos e conformados com tanta exploração. Na medida do possível se revoltavam, fugiam formando quilombos; conspiravam contra o poder e junto com os brancos reivindicavam direitos. Na Revolta dos Malês, na Bahia, por exemplo, em 1835, que foi reprimida pelo governo, muitos negros foram mortos, outros foram presos ou expulsos do Brasil. A Conjuração Baiana, ou Revolta dos Alfaiates (1798), liderada por negros, também foi reprimida e teve seus líderes condenados à morte pela força.

A Revolta da Chibata (1910), que teve como líder negro João Cândido imortalizado pela canção de Elis Regina “Dragão do Mar”. Ele se revoltou contra os castigos (chibatadas) nos marinheiros que desobedeciam a alguma ordem. Outros negros famosos da História do Brasil foram: José do Patrocínio, Luiz Gama, André Rebouças, Zumbi dos Palmares, José do Patrocínio.

Luiz Gama nasceu em 1830, na Bahia e faleceu em 1882 na cidade de São Paulo, onde está enterrado. Foi poeta, advogado, jornalista e abolicionista. Com 10 anos foi vendido por seu próprio pai como escravo. A maior parte de sua vida viveu em São Paulo. Sempre trabalhou defendendo os escravos e é considerado o maior abolicionista do Brasil.

Conseguiu libertar mais de 500 escravos.

O NEGRO NA HISTÓRIA DE SUMARÉ

Desde o começo da história de Sumaré - por volta de 1870 - houve a presença de escravos negros nessa região. O ribeirão que passa pelo nosso município se chama Ribeirão do Quilombo. E toda a região, desde Campinas até Americana, se chamava antigamente Quilombo. Assim, a cidade de Sumaré nasceu no Quilombo. Essa palavra faz lembrar a existência de escravos negros fugidos das fazendas. Isso quer dizer que a história de Sumaré está ligada desde o começo à presença da raça negra.

Nas grandes fazendas de café que havia antigamente na região de Campinas e Sumaré havia muitos escravos até o ano de 1888.

Por exemplo: numa fazenda chamada Terra Preta, onde hoje está o Bairro do Jardim Amanda, em Hortolândia, havia muitos escravos. Veja o nome de alguns deles: Antônio Benguela, Bernardo, Victoriano, José Crioulo, André, Adão, Martinho, Joaquim, Luiz, Brandino, Tereza e Maria. Escravo não tinha sobrenome.

Outro sinal da presença de negros em Sumaré está num documento em que o fazendeiro Francisco de Paula Camargo, no fim do século 19, fez a doação de um sítio para seus escravos, no atual bairro do Matão. Veja os nomes dos ex-escravos: Diogo de Paula, Felizardo de Paula, Bartolomeu de Paula, João Novo, Gabriel de Paula, José de Paula conhecido por José Surdo, Alberto de Paula, Cândido de Paula, José de Paula conhecido por José Pequeno, José Mendonça e Manoel de Paula. – todos com o mesmo sobrenome, o sobrenome do patrão, porque escravo não tinha sobrenome!

No ano de 1888 foi assinada a Lei Áurea que pôs fim à escravidão. Para substituir a mão de obra africana, vieram da Europa muitos imigrantes, que depois deram origem à cidade de Sumaré. Eram italianos, portugueses, espanhóis, russos, franceses, alemães etc.

Para exportar o café produzido na região do

Quilombo, foi construída a Estrada de Ferro. Ela ligava Campinas a Santa Bárbara D'Oeste. E para construir essa ferrovia, foi contratado um engenheiro do Rio de Janeiro chamado Antônio Pereira Rebouças Filho, que era negro. Ele morreu enquanto construiu essa ferrovia, e por isso, em 1875, deram o nome dele à Estação Ferroviária. A estação logo ficou conhecida como Estação de Rebouças. Ao redor da estação nasceu o povoado, que mais tarde (1945) passou a se chamar Sumaré. Portanto, mais uma vez a história de Sumaré está ligada à raça negra.

Em 1888, havia 9.986 escravos no município de Campinas. Nas fazendas da região do Quilombo, futura Sumaré, havia várias fazendas com escravos (Terra Preta, Candelária, Palmeiras e outras).

Ainda existe preconceito hoje contra os negros? Quase não há negros nos Ministérios, na Câmara Federal, no Senado, nas Forças Armadas. Há poucos cientistas, bispos, pastores, deputados, presidentes da República, Governadores de Estado, Juizes nos Tribunais Superiores...

■ **Trabalho apresentado pelo professor Francisco Antonio de Toledo, da Associação Pró-Memória de Sumaré, aos alunos do SESI em Nova Veneza, em setembro de 2016.**

EXPOSIÇÃO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Ao lado da Exposição Patrimônio Cultural Sumareense, instalada no corredor dos cinemas do Shopping ParkCity, também está sendo exibida uma Exposição da Consciência Negra pela Associação Pró-Memória de Sumaré, numa sala denominada extraoficialmente de Espaço Cultural Pró-Memória.

Como todos sabem, no dia 20 de novembro se comemora o dia da Consciência Negra. A Pró-Memória reverencia

a data com essa exposição. Nela aparecem alguns nomes importantes da nossa história, ligadas à essa efeméride, como João Alves Cardoso, Moisés Allon, Ismael Martins, Daniel Antônio da Silva, Tiburtino Gomes, João Calixto, Benedito Sampaio, Eva de Oliveira e Antônio Pereira Rebouças Filho. A Câmara Municipal de Sumaré também vai comemorar esse evento, numa solenidade que terá início às 9 horas da manhã.

Associação Pró-Memória de Sumaré

Temos um acervo de aproximadamente 250.000 e documentos e 140.000 fotos. Se tiver interesse em preservar as fotos de sua família ou publicá-las, dirija-se ao Centro de Memória. Estudantes, professores, pesquisadores e população em geral são sempre bem-vindos. A Associação Pró-Memória é uma entidade particular, sem fins lucrativos. Se você quiser ajudá-la a se manter ou ampliar suas atividades, torne-se um sócio. Custa R\$ 20,00 por mês. Por conta disso, você recebe um DVD com todo material publicado no mês pela imprensa local e um filme original de Sumaré.

Praça da República, nº 102, Centro, Sumaré/SP
F: (19) 3803-3016/3883-8829
promemoriasumare@gmail.com

ASSOCIAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA SUMARÉ

Patrimônio Cultural Sumareense

CONVITE

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

DE 16 A 16

NOVEMBRO DEZEMBRO

SEG A SÁB - 10H ÀS 22H
DOMINGO - 14H ÀS 20H

LOCAL

Shopping ParkCity Sumaré

Av. Rebouças, 2400, Sumaré/SP

EVENTO GRATUITO